SINTRENSE, 3 — BEIRA-MAR, 2

A VONTADE DOS SULISTAS E A FADIGA DOS AVEIRENSES DITARAM UM VENCEDOR JUSTO

Comentário de GUIDO CARVALHO

Jogo no Estádio do Restelo.
Arbitro: Marcos Lobato, de Setubal.

SINTRENSE—Fidalgo; Pardal I, Madeira, Vitor e Valente; José João e Mendonça; Marques, Gomes Ferreira, Pardal II e Marquitos.

BEIRA MAR — José Pereira; Moura, Evaristo, Marçal e Chaves; Silva e Abdul; Morais, Cleo, Nartanga e Almeida.

Ao intervalo: 1-2.

Golos de: Abdul, aos 8 e aos 40 minutos, este ultimo de grande penalidade; Pardal II, aos 22 m; Ma[illegible] aos 56, e Mendonça, aos 68.

Começaremos o curto comentário que nos mereceu este primeiro encontro da jornada derradeira da «Taça Ribeiro dos Reis», por felicitar todos os jogadores e o trio de arbitragem. Não pelo nível técnico que os componentes das três equipas evidenciaram, mas apen[illegible] porque merecem a maior consi[illegible]ção aqueles que ontem, desde as 15 horas e 30, debaixo de uma temperatura elevadíssima, convidando a tudo menos á prática do futebol, conseguiram jogar — por fim alguns deles quase a arrastarem-se — durante 90 minutos. Foi, para qualquer dos contendores, uma tarefa dificílima. Mas cumpriram-na, e momentos houve que efectivamente a ideia transmitida pelo jogo em si era realmente essa: cumprir os 90 minutos... e que eles passassem o mais depressa possível.

Não se deve inferir por isto que o encontro entre sintrenses e aveirenses foi falho de qualquer interesse. Nada disso. Pormenores existiram que emprestaram ao prélio uma determinada dose de entusiasmo, que fizeram a pouca assistnêcia aplaudir acaloradamente este ou aquele lance, em especial nos ultimos minutos da partida quando o Beira Mar procurou a todo o transe, o tento que lhes daria a igualdade e, consequentemente, a hipótese de vencer.

Equilíbrio nota dominante

O encontro começou com as duas equipas a demonstrarem claramente a intenção de se adiantarem no marcador para depois, dada a temperatura, jogarem mais calmamente. Desta toada, e porque ambos a empregaram, nasceu um visível equilíbrio a meio campo e com as defesas a anularem, com mais ou menos facilidade, as tentativas de ataque. A pouco e pouco, porém, o Beira Mar que entretanto já havia obtido um golo — passou a exercer certo domínio. Mais maturidade futebolística, mais clarividência no meio campo onde Abdul demonstrava neste ou naquele pormenor, ser ainda um elemento com dois excelentes pés e uma visão ampla da variação do jogo, ao mesmo tempo que, sempre que a oportunidade se deparava, surgia na zona do golo.

Sucedeu, no entanto, que os sintrenses não acusaram demasiado, nem o golo nem o ascendente que sempre que possível, em especial o adversário vinha exercendo e, em lances criados por Vitor que seguiam quase sempre para o lado esquerdo onde Marquitos constituia um verdadeiro quebra cabeças para o seu mais directo opositor, tentavam aproximar-se da baliza defendida por José Pereira, obrigando este a duas ou três intervenções difíceis. E foi precisamente num desses lances que o Sintrense veio a alcançar a igualdade, por intermédio de Pardal II, iam decorridos 22 minutos.

Nos ultimos quinze minutos do primeiro tempo, foi ainda o Beira Mar a equipa que evidenciou maior acutilancia e, a cinco minutos do fim, na transformação de uma grande penalidade, Abdul voltou a colocar a sua equipa em vencedora.

Uma segunda parte diferente

Na segunda parte tudo começou como nos ultimos minutos do primeiro tempo. O Beira Mar mais bem escalonado, desenhando melhores lances, mais acutilante e discernido. Mas aos 11 minutos, na tranformação de um livre, Madeira obteve a igualdade, com algumas culpas para José Pereira, que se lançou tardiamente á bola. E daí por diante, tudo se modificou. Os aveirenses acusaram nitidamente o esforço despendido e os sintrenses, ainda que com menos poder físico, acabaram por se superiorizar ao antagonista, acabando por fazer um terceiro tento, quanto a nós procedido de uma falta: José Pereira foi carregado a destempo, largou o esférico e Mendonça atirou para as redes, passando a bola, lentamente, por entre os defesas que se encontravam no lance mas que, evidenciaram nitidamente nesse momento, já não tinham reflexos para anular o perigo.

E, até ao final, o jogo não teve outra caracteristica: o Sintrense mais calmo e por isso mesmo, a jogar mais ligado. O Beira Mar mais enervado, mas sem força para levar de vencida a oposição contrária.

A dois minutos do fim, os aveirenses tiveram a oportunidade de empatar, mas Nartanga não rematou no momento preciso e depois, dentro da grande área, foi derrubado, sem que o árbitro assinalasse a respectiva grande penalidade.

O resultado acaba por estar certo pelo que fez o Sintrense no segundo período.

Marçal, Chaves, Silva e Abdul estiveram em evidência nos aveirenses; Vitor, Fidalgo, Pardal I e Marquitos salientaram-se nos vencedores.

A arbitragem

Não esteve totalmente feliz o sr. Marcos Lobato. E se não o condenamos muito na falta cometida por um defesa sintrense sobre Nartanga, perto do final, já que se encontrava um pouco longe — mas o fiscal de linha devia ter indicado — não o desculpamos na falta sobre José Pereira, que deu origem ao terceiro golo do Sintrense.

Rodrigues Dias:

O SINTRENSE fez mais do que esperavam dele

O Sintrense alcançara o 3.º lugar na Taça Ribeiro dos Reis. Alegria, portanto. Nas cabinas surgiam os parabéns. Os jogadores, esses, não tinham já forças para mais. Tinham ganho, é certo, mas nem isso bastava para lhes tirar a máscara do esforço despendido. Alguns relaxavam os musculos. Outros conseguiram ir direitinhos ao duche para esquecer mais depressa os noventa minutos de martirio debaixo daquele calor que ontem á tarde ameaçava queimar tudo.

Ouvimos Rodrigues Dias, o treinador. Falou-nos do jogo e da sua equipa.

— É verdade. Em Sintra, quando começou o torneio, ninguém acreditaria neste 3.º lugar. Que podia até ter sido um primeiro ou segundo. De facto, não fomos felizes no jogo de quarta-feira. Hoje vencemos bem. Especialmente porque o Beira Mar foi uma equipa que procurou por tudo a vitória.

Depois, justificando-se, Rodrigues Dias prosseguiu:

— Com este tempo insuportável foi verdadeiramente titanico o esforço de todos os jogadores. Agora estão arrasados. Espantoso é que se tenham batido com tanto brio e pundonor.

— Que nos diz a respeito do comportamento do Sintrense no torneio?

— Excedeu em muito o que dele se esperava. Digo mesmo que não acreditavam na equipa.

— A preparação física parece ter melhorado bastante — insinuámos.

— Não é isso, creia. O principal foi um trabalho de arrumação das pedras no xadrez. Quanto a preparação física, que é que se pode fazer se os jogadores têm os seus empregos e o tempo mal chega para os treinos? Não, a verdade é que o Sintrense melhorou porque no seu plantel havia jogadores capazes de dar mais consistência á equipa.

COUCEIRO:

Parabéns a todos OS JOGADORES

Verdadeiro suplício de tantalo o de ontem á tarde, no Restelo. Até para os espectadores. Dos jogadores, então, nem há termos para o expressar. Chegámos ás cabinas. Os atletas, sequiosos de água, transfigurando bem o martírio, estavam abatidos, sem forças.

Couceiro, o treinador da equipa do Beira Mar, começou por nos dizer:

— Primeiro que tudo, parabéns aos vencedores. Não é que nós não tivéssemos dominado durante mais tempo. Simplesmente fomos infelizes. Já na quarta-feira, no jogo das meias-finais, foi o mesmo. Paciência. Hoje uns, amanhã outros. Futebol é isso mesmo. Uma incógnita.

E, olhando o esforço espelhado nos rostos dos jogadores, o treinador do Beira Mar declarou:

— Mas para além de tudo, do resultado, particularmente, não posso deixar de tornar extensivos os parabéns a todos os jogadores — vencedores e vencidos. Dadas as condições do tempo, todos eles foram grandes, foram herois. Bateram-se galhardamente, com denodo e afinco, imprimindo á partida uma velocidade e um ritmo que por certo ninguém esperaria. Ninguém baixou os braços ou deixou de correr, apesar do tempo verdadeiramente sufocante. Esse, para mim, o maior elogio que se pode fazer a todos eles.

E, a terminar:

— Daí, e porque também os nossos adversários não abdicaram da luta quando estavam a perder, por isso, repito, eles são credores dos verdadeiros parabéns da equipa contrária.

D. N.

Os dois «coloreds» do ataque aveirense põe em risco a segurança da atlética defesa d Sintrense